

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS SOBRE A FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM DOCENTE

Athiliana de Moura Silva¹; José Valdemir de Sousa Soares²; Jefferson Soares Galvão³; Maria Ludmilla dos Santos Freitas⁴

¹Faculdade do Sertão Central, Itapipoca, Ceará, Brasil, estudos.athiliana@gmail.com

²Centro Universitário Leonardo da Vinci, Itapipoca, Ceará, Brasil, valdemirpedagogia22@gmail.com

³Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Japorã, Mato Grosso do Sul, Brasil, jefferson.soares@aluno.uece.br

⁴Instituto Federal Farroupilha, Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, Brasil, maria.ludmilla@aluno.uece.br

Resumo: O estágio supervisionado assume papel fundamental na formação inicial de professores, por aproximar os licenciandos da sua futura profissão para ampliarem o seu arcabouço de saberes e problematizar a realidade. Nesse sentido, a partir das experiências no estágio em Educação Infantil no segundo semestre de 2023 e pautados em uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, este estudo tem como objetivo refletir sobre que contribuições tem o estágio supervisionado em Educação Infantil para a formação e aprendizagem docente. Portanto, os fundamentos teóricos que embasam esse estudo são: Nóvoa (2017); Nogueira (2023); Oliveira (2020); Pimentel e Pontuschka (2014); Pimenta (2019); Silva e Rosa (2011); Veiga (2008). Frente a isso, os dados evidenciam que as vivências durante o estágio na etapa da Educação Infantil possibilitam aos estudantes refletirem e consolidarem saberes sobre a docência a partir da realidade escolar, na interação com as crianças e suas singularidades e com os professores supervisores. Além disso, os futuros professores buscam articular os conhecimentos teóricos com o desdobrar da prática.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado. Educação Infantil. Aprendizagem Docente

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado na formação inicial é um momento crucial no processo formativo dos licenciandos. Além de favorecer o contato direto com as instituições escolares, possibilita um olhar de dentro da profissão. Embora ainda não seja o exercício profissional remunerado, os licenciandos começam a constituir e confrontar suas percepções sobre a realidade da profissão com suporte nas teorias estudadas.

Assim, “A inserção dos alunos da licenciatura na escola de Educação Básica é parte significativa da formação inicial de professores, pois se configura como um ingresso no campo profissional, mesmo que tutorado. [...]” (Pimentel; Pontuschka, 2014, p. 96). O ingresso no ambiente escolar por meio dos estágios marca um período importante na formação dos licenciandos, pois proporciona o confronto com a realidade em que atuarão profissionalmente no futuro. Em adição, é um momento da formação inicial que precisa ser vivido pelo licenciando com empenho e com olhar investigativo e reflexivo.

Outrossim, o estudante de pedagogia tem a oportunidade de estagiar em algumas etapas, como na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como na modalidade de educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, teceremos reflexões a respeito das experiências vividas ao longo do estágio na etapa da Educação Infantil, realizado no segundo semestre de 2023, na pré-escola, com o apoio de uma pesquisa bibliográfica que parte de um levantamento de dados já analisados e publicados, Matos e Vieira (2001), e de uma abordagem qualitativa, por trabalhar com o universo dos significados, como sublinha Minayo (2009). Frente a isso, delimitamos como problemática desse estudo: que contribuições tem o estágio na educação infantil para a aprendizagem da profissão docente. Em consonância, alguns dos fundamentos utilizados na realização do trabalho são: Nóvoa (2017); Nogueira (2023); Oliveira (2020); Pimentel e Pontuschka (2014); Pimenta (2019); Silva e Rosa (2011); Veiga (2008).

Ademais, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, “A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade, o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (Brasil, 1996). Sendo assim, se configura como uma etapa imprescindível para a aprendizagem e desenvolvimento da criança fora do seio familiar. Frente ao exposto, este trabalho mostra sua relevância ao trazer para o debate as experiências de estágio vivenciadas nas etapas da educação básica e por promover a reflexão sobre os processos que favorecem e potencializam a formação docente. Assim, é imprescindível que os licenciandos possam compartilhar suas experiências e aprendizagens ao longo de sua formação e destacar a relevância dos estágios para a ampliação dos saberes sobre a profissão docente.

Nesse contexto, delimitamos como objetivo refletir sobre as contribuições do estágio supervisionado em Educação Infantil para a formação e aprendizagem docente. Em suma, o texto se estrutura na introdução já apresentada, a qual abrange a contextualização do estudo e os aspectos metodológicos. Em seguida, teceremos reflexões sobre a relevância do estágio na formação docente. No tópico posterior, discutimos sobre as experiências e aprendizagens no estágio na Educação Infantil. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências que fundamentaram o estudo.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: TECENDO REFLEXÕES

Os estágios representam a oportunidade de vivenciar as possibilidades e os dilemas dos espaços de atuação docente. É o momento de conhecer e experimentar as dinâmicas, os desafios, as relações e a forma como se organiza o trabalho na docência. É também onde os

estudantes de licenciatura aprimoram e agregam outros conhecimentos ao seu repertório teórico. Sendo assim, Pimentel e Pontuschka (2014) sublinham que, durante o curso de graduação começam a ser construídos saberes, habilidades, posturas e atitudes, e esses conhecimentos são ressignificados pelos estagiários a partir de suas experiências no contato direto com o campo de trabalho ao longo de sua vida profissional.

O contato com a sala de aula é um espaço rico para aprendizagens e ressignificação de conhecimentos. É onde o sujeito em formação inicial começa a se questionar como aqueles conhecimentos estudados na licenciatura interagem com o contexto das relações nos espaços escolares. Há um certo anseio pela aplicação literal de todas as teorias. E, no decorrer do processo, vai-se percebendo que a realidade nos exige também a capacidade de refletir sobre os conhecimentos que temos e de constituir outros saberes a partir das experiências vividas. Por isso, Pimentel e Pintuschka (2014) destacam o papel do estágio e o comprometimento com a inserção dos alunos de licenciatura nas escolas de educação básica, buscando aproximar das condições reais de trabalho para gerar saberes.

Compreende-se, então, que o estágio supervisionado na iniciação da docência propicia ao estagiário a experiência de articular os seus saberes construídos no decorrer da trajetória acadêmica com as situações do trabalho pedagógico em sala de aula, promovendo assim, o desenvolvimento profissional docente. O estágio em si é uma atividade curricular que existe para ser um contributo da formação inicial docente, colocando os sujeitos na posição de investigadores reflexivos diante das dinâmicas da profissão. Isso vai muito além de cumprir as exigências acadêmicas, é uma oportunidade de potencializar a formação de professores e a aprendizagem docente. Neste contexto,

[...] entendemos o estágio em docência como um campo em que os estagiários vivenciam a tensão do jogo de forças entre os saberes incorporados e a mobilização de saberes necessários na gestão da sala de aula e nos processos de ensino e de aprendizagem, considerando a complexidade da escola como locus de construção da identidade docente, como forma de contribuir para uma ruptura com a mera reprodução dos esquemas de ação observados nos professores em exercício e de construir atividades criadoras no decorrer do estágio. (Silva; Rosa, 2011, p. 378-379).

Esse momento formativo oportuniza aos licenciandos a autonomia de criar, serem protagonistas naquele espaço de aprendizagem, de dialogar com os professores mais experientes e aprender que os seus conhecimentos sobre a profissão estão continuamente sendo reconstruídos para dar conta dos desafios presentes no cotidiano profissional. Outrossim, os espaços escolares e os professores mais experientes necessitam assumir esse papel formativo.

Em adição, Veiga (2008) aponta que “[...] A docência requer formação profissional para seu exercício: conhecimentos específicos para exercê-lo adequadamente ou, no mínimo, a

aquisição das habilidades e dos conhecimentos vinculados à atividade docente para melhorar sua qualidade.” Ou seja, a docência exige uma formação que dialogue diretamente com os contextos reais da profissão. Em adição, Nóvoa (2017, p. 1111) afirma que “[...] a formação docente deve ter como matriz a formação para uma profissão.” Não há como formar um professor fechado dentro dos muros universitários, ignorando as transformações sociais e avanços dos conhecimentos científicos e tecnológicos.

As instâncias que formam os docentes necessitam estar atentas ao que acontece na sociedade e às implicações para o fazer docente. Nessa direção, Nóvoa (2017) aponta que não é possível formar professores sem a abertura à sociedade, sem um conhecimento da diversidade das realidades culturais que, hoje, definem a educação. Dessa forma, os estágios cumprem o papel fundamental de dialogar com as instituições para além da universidade, sendo um espaço de formação e aprendizagem da docência.

Em conformidade, Nóvoa (2017, p. 1117) advoga que “[...] É fundamental que haja mobilidade entre as universidades e as escolas. É preciso que todos tenham um estatuto de formador, universitários e professores da educação básica. [...]” Nessa direção, as universidades, em colaboração com as escolas e seus professores, devem assumir o papel formador dos futuros docentes. As escolas não devem apenas ser receptoras ou instâncias que empregam profissionalmente os professores, necessitam se reconhecer como responsáveis por contribuir na formação docente. Por isso, é de suma relevância a abertura e o acolhimento dos licenciandos durante os estágios, não só para cumprir a carga horária do componente curricular de uma licenciatura, mas oferecendo meios para que esses estudantes possam problematizar aquele espaço, o trabalho desenvolvido e aprender a profissão docente.

Sendo assim, Pimenta (2019) ressalta que o estágio supõe a busca do novo conhecimento a partir da relação entre as explicações existentes e os dados novos que a realidade apresenta, percebidos na postura investigativa. A instituição escolar é um espaço de aprendizagem docente, as atividades desenvolvidas ao longo do estágio não são apenas para se obter a aprovação nessa disciplina, o intuito é questionar, observar, trocar experiências e aprender com os professores experientes. É muito mais do que estar no ambiente para observar a prática docente, é estar aberto e interagir com os sujeitos que fazem parte daquele cotidiano. Ao entrar nas instituições, já estamos aprendendo, sabemos que existem formas de se relacionar naquele ambiente. Portanto, todas as experiências são formativas e nos levam a aprender sobre a profissão.

Em continuidade, conforme Libâneo (2001, p. 11, grifo do autor)

O *pedagogo* é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica.

Sabendo que o pedagogo pode exercer a docência na Educação Infantil, no Ensino Fundamental/Anos Iniciais e em outros campos, como a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no próximo tópico iremos discorrer sobre as experiências decorridas no estágio na etapa da educação infantil.

ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGENS

Durante a formação inicial na licenciatura em pedagogia, os estudantes precisam passar por alguns estágios e, dentre esses, o estágio na primeira etapa da Educação Básica. Conforme a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, estabelece em seu artigo 8º, inciso IV, que a integralização de estudos será efetivada por meio de “[...] estágio curricular a ser realizado, ao longo do curso, de modo a assegurar aos graduandos experiência de exercício profissional, em ambientes escolares e não-escolares que ampliem e fortaleçam atitudes éticas, conhecimentos e competências [...]” (Brasil, 2006, p. 05). Sendo assim, neste tópico, nos propomos discutir alguns aspectos que consideramos relevantes durante nosso período de experiência no estágio na Educação Infantil que contribuirão com a nossa trajetória formativa e para a aprendizagem da docência.

Dessa forma, desenvolvemos o estágio na pré-escola, em turma de infantil IV, em uma instituição da rede municipal de Itapipoca-CE, no segundo semestre de 2023. Tendo em vista a inserção na instituição, enquanto sujeitos em contexto de aprendizagem da profissão do magistério, é natural que os primeiros momentos no espaço institucional sejam de um olhar atento e observador, tentando encontrar meios que possibilitem uma reflexão ainda que superficial sobre as relações que acontecem e aos aspectos do exercício profissional. Nesse primeiro contato, dificilmente tomamos como eixo articulador e primordial as singularidades de como a criança aprende e se desenvolve. Direccionamos, mesmo sem perceber, o nosso olhar ao que e como fazer e esquecemos que estamos diante de sujeitos que estão descobrindo o mundo que os cerca. No entanto, ao longo do processo, vamos nos envolvendo e mudando de perspectiva, nos tornando mais atentos ao sujeito central daquele processo, a criança.

Nessa direção, de acordo com a BNCC, “[...] a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada.” (Brasil, 2018, p. 36). Portanto, é o

momento em que a família passa a dividir suas funções com outros entes sociais, principalmente com a escola, no dever de cuidar e educar, proporcionando aprendizagem e contribuindo para o desenvolvimento integral da criança. Essa etapa é imprescindível para o desenvolvimento infantil e a socialização.

Com isso, a nossa entrada na instituição de Educação Infantil para realização do estágio foi marcada pelo acolhimento por parte da gestão, pelos professores(as) e demais profissionais, aspecto extremamente relevante. Isso converge com o que defende Nóvoa (2017), de que não é possível formar professores sem a presença de outros professores e sem a vivência nas instituições escolares. Essa receptividade nas instituições pelos demais professores fortalece a coletividade que deve haver na profissão. As nossas primeiras idas à escola pelo turno da manhã foram pautadas em observar o espaço, como a nossa supervisora desenvolvia as atividades com as crianças e como se dava a rotina na Educação Infantil. De início, nos sentíamos pouco acolhidos pelas crianças, devido ao estranhamento causado pela nossa presença, já que eram nossas primeiras visitas. Progressivamente, as crianças foram se aproximando, questionaram quem éramos, como era nosso nome, não demorou muito para que pudéssemos interagir e fazer parte daquele ambiente.

Em todas as experiências que a professora propunha nos dias que se seguiam, as crianças tomavam a liberdade para solicitar a nossa ajuda. A sala era organizada em pequenos grupos, então passávamos em todos os agrupamentos para auxiliar as crianças, sem tirar sua autonomia no que estavam fazendo. Em algumas ocasiões, ao fim do turno, após todas as crianças saírem com seus pais, a supervisora destinava um breve momento para nos relatar sobre a realidade de algumas famílias, sobre o comportamento de alguns alunos, hipóteses sobre o que motivou os alunos a terem determinados comportamentos em sala e também sobre sua experiência profissional. Essa atitude expressava a disposição e abertura da supervisora em nos ensinar sobre aquele espaço e sobre a profissão docente e reforça a ideia de que

[...] Para planejar o trabalho na Educação Infantil é importante conhecer o grupo de crianças, seus interesses, seu desenvolvimento, o grau de autonomia que elas têm para resolver problemas diversos, as características próprias da faixa etária, a experiência construída na sua história fora da instituição educativa, bem como nos anos anteriores em que frequentou um espaço educativo. [...]. (Oliveira *et al.*, 2012, p. 44).

A docência nessa etapa requer um nível de envolvimento profundo para podermos aprender sobre as singularidades das crianças em todas as suas dimensões. Isso porque, para além do que é vivenciado no contexto escolar, os aspectos contextuais influenciam na constituição e desenvolvimento da criança. Assim, é essencial que o professor esteja atento para potencializar o seu trabalho e, por consequência, a aprendizagem e desenvolvimento do sujeito.

Um dos elementos que nos chamou atenção logo na entrada da sala foi a exposição de um mural, em formato de coração, formado pelas fotos das crianças daquela turma. Indubitavelmente, a professora tinha a preocupação de fazer com que as crianças se percebessem parte daquele espaço. As paredes da sala expressavam as criações, a autonomia e as atividades realizadas pelas crianças. A organização do espaço retratava o envolvimento ativo das crianças. Em conformidade, “A Educação Infantil também deve conhecer e investir no que é do interesse das crianças, como de reconhecê-las como cidadãs de direito desde o nascimento.” (Oliveira *et al.*, 2012, p. 59). Nesse contexto, as crianças, como sujeitos criativos, precisam se sentir parte do processo, sua autonomia e criatividade devem ser estimuladas e valorizadas pelo professor. Segundo Oliveira *et al.* (2012), as crianças reconhecem o espaço físico ou atribuem significações. Isso favorece o sentimento de pertencimento àquele espaço pelas crianças.

Ademais, percebemos que na rotina da turma, havia sempre um tempo destinado à ida das crianças para o parquinho, para socializar com as demais turmas, correr, brincar com areia e nos poucos brinquedos disponíveis. Não importava se os brinquedos atendiam às demandas de todas, as crianças faziam qualquer folha, galho de árvore, água e areia ter vida. Nesse sentido, Oliveira (2020) destaca a relevância do jogo simbólico ou faz de conta como ferramenta para a criação da fantasia, que abre caminho para a autonomia, criatividade e exploração de significados e sentidos. As sombras das árvores acolhiam a imaginação e liberdade das crianças. Naquele momento, elas se sentiam livres e, ao serem convidadas pela professora a irem ao banheiro lavar as mãos e voltar à sala, havia grande resistência. O parquinho era onde as crianças se sentiam livres e essa visita não podia faltar nenhum dia. Ao nos referirmos à criança, compreendendo-a como sujeito social, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em consonância, definem a criança como

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (Brasil, 2009, p. 12).

Nessa perspectiva, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) diz que “[...] a aprendizagem transcende o espaço da sala, toma conta da área externa e de outros espaços da instituição e fora dela [...]” (Brasil, 1998, p. 58). Compreendemos que as atividades propostas pelo professor(a) na Educação Infantil transcendem o espaço da sala para potencializar as aprendizagens.

Evidencia-se que “[...] a profissão docente na educação infantil envolve saberes e

práticas particularizadas para esse nível escolar e trajetórias formativas diferentes das dos professores das outras etapas da educação [...]” (Oresten; Vieira, 2022, p. 335). A centralidade desta etapa não é o ensino diretamente de conteúdos científicos, estes servem para subsidiar a prática pedagógica. As crianças irão aprender no contato com o espaço em que estão inseridas por meio das atividades concretas que promovam a experiência e as relações com os colegas. Dessa forma, o professor deve estar atento para que as atividades planejadas tenham intencionalidade pedagógica e contribuam para o desenvolvimento das crianças.

Durante o estágio, nos sentimos inseguros. Estar naquele espaço com tantas crianças, cada uma com sua particularidade, nos faz questionar sobre como atender às singularidades de cada uma. Como fazer para contribuir no desenvolvimento daqueles sujeitos? Em um primeiro momento, parece que todo o conhecimento teórico estudado nos primeiros semestres na universidade sobre aquela etapa, sobre o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, sobre os documentos que regem aquela etapa simplesmente desaparece. No entanto, esse momento é rico em aprendizagens quando confrontamos o que pressupomos saber com a realidade concreta.

Como parte crucial do estágio, as regências têm papel fundamental nesse processo de aprendizagem docente por colocarem o futuro professor como protagonista criativo na experimentação do fazer docente frente ao contexto escolar. Durante esse percurso formativo, com o apoio da supervisora, procuramos propor às crianças experiências que pudessem ser significativas, que ajudassem a ampliar sua compreensão do seu meio e que dialogassem com seu contexto. Assim, “[...] para ser significativa, a experiência é construída em parceria com a criança, desenvolve-se de forma processual e ambas as partes aprendem.” (Nogueira, 2023, p. 108). De acordo com a autora, não adianta impor experiências que aparentam convergir com o desenvolvimento e aprendizagem da criança, se, por outro lado, não teve a participação da criança, se não dialoga com seu contexto.

Sendo assim, inicialmente, sempre fazíamos um momento de diálogo e escuta das crianças: perguntando como estavam, se dormiram bem, se haviam lanchado antes de vir à escola. Logo após, problematizávamos o tema, era o momento de ouvir as crianças, saber sobre seus conhecimentos e questionamentos a respeito do que ia ser trabalhado. Na primeira regência, abordamos a temática voltada para situações e objetos que oferecem perigo no cotidiano. Para isso, utilizamos imagens de objetos e situações que apresentavam perigo tanto em casa como em outros locais, como tesouras, pedaços de vidro, situações que envolvem panelas fervendo, entre outros. Discutíamos coletivamente o que poderia ser feito para que esses riscos fossem evitados. Em seguida, propusemos como atividade para as crianças pintarem os

objetos perigosos, como a panela quente, taça de vidro quebrada, tubo de injeção, faca e o símbolo que sinaliza produto inflamável.

Na segunda regência, trabalhamos a temática referente ao tempo e aos objetos que utilizamos no cotidiano para medir e organizar nosso tempo. Primeiramente, realizamos uma roda de conversa com as crianças, como forma de acolhida. Para introduzir o tema, contamos a história “O tempo” do autor Ivo Minkovicius. Após a leitura, mostramos um relógio de parede, relógio de pulso e um calendário. Nesse momento, as crianças tiveram a oportunidade de manusear os objetos. Algumas associaram o calendário ao seu aniversário. E ainda detalharam o que faziam em cada parte do dia.

Em seguida, reproduzimos um vídeo pelo notebook sobre os períodos do dia: manhã, tarde e noite. Mostramos o que geralmente fazemos em cada período do nosso dia. Depois deste vídeo, as crianças fizeram a atividade que colamos no caderno, que consistia em observar as imagens e pintar ou circular o que a criança representada na imagem fez no período da manhã, da tarde e da noite. Ao estimular que as crianças falassem o que faziam no seu cotidiano para além da escola, essa atividade oportuniza que crianças se conheçam e reflitam sobre o que fazem ao longo do seu dia, entendendo que existe uma rotina a ser seguida.

No último dia de regência, no dia 20/11/23, em alusão ao dia da Consciência Negra, levamos papelões que representavam um boneco sem corpo, e por detrás do boneco colocamos fita adesiva. Falamos sobre a diversidade entre as pessoas, mostramos que a turma era composta por pessoas diferentes. O objetivo da atividade era que as crianças fizessem colagens de pequenos pedaços coloridos de cartolina e E.V.A. Depois, as crianças criaram o cabelo e os olhos com lápis de cor. Foram produções bonitas e coloridas.

Em síntese, o que aprendemos ao longo do estágio na Educação Infantil nos revela a complexidade da docência diante dos desafios cotidianos. Não sendo um trabalho unicamente técnico, exige do professor atenção às singularidades, ter sensibilidade para o que as crianças expressam, mesmo quando estão silenciosas. E, embora as diversas demandas emergentes imponham uma resposta rápida, o professor precisa aprender a exercitar a escuta pedagógica para poder refletir sobre a sua prática. Por fim, o trabalho em qualquer etapa da educação básica, sobretudo na Educação Infantil, só tem êxito quando o docente estimula e favorece a autonomia das crianças, para expressarem seus interesses e aquilo que potencializa sua aprendizagem e seu desenvolvimento. Por fim, ressaltamos a necessidade da escuta pedagógica na Educação Infantil

[...] A escuta pedagógica contribui para que o professor se veja pelo olhar da criança e possa aprimorar e humanizar sua relação com ela. As vozes das crianças não podem

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

ser interditadas, *por causa de crenças e valores docentes que se cristalizam em decorrência da racionalidade instrumental à qual o docente foi submetido na escolarização e formação.* (Nogueira, 2023, p. 48, grifo da autora).

Frente a isso, os licenciandos em formação inicial e continuada estão continuamente aprendendo sobre a docência em meio aos desafios da prática. Assim, uma forma de aprimorar a prática é conhecer o seu público. Para isso, a escuta pedagógica se revela como esse elemento fundamental para potencializar a prática docente. Durante o estágio, nos sentíamos “perdidos”, sem saber o que propor para as crianças. No entanto, “[...] Não nascemos criativos, são as oportunidades de experimentar o novo, arriscar, errar, se surpreender, inventar, aprimorar, a invenção e sentir a satisfação em criar algo útil, que mostram que podemos ser criativos. [...]” (Nogueira, 2023, p. 95). Frente às situações desafiadoras, também aprendemos.

Portanto, surge o entendimento de que, no decorrer do exercício docente, reconfiguramos nossa forma de atuar. Nem sempre o que foi planejado é concretizado. Porém, é necessário refletir continuamente para que se possa oportunizar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, estimulando sua participação, criatividade e imaginação. “É fundamental que o futuro professor, já no início da formação possa refletir sobre este aspecto: *a escola deve ser um lugar de curiosidade para o aluno e professor.* [...]” (Nogueira, 2023, p. 94, grifo da autora). O lócus de atuação contribui com a formação das crianças, mas também permite que os professores aprendam em colaboração.

Nessa perspectiva, Freire (2017) nos ensina que o espaço pedagógico é um texto para ser “lido”, “interpretado”, “escrito” e “reescrito”. Isso propõe que, desde a formação inicial, os professores em contato com a realidade estão em constante aprendizagem sobre a profissão e contexto de trabalho, pois diariamente surgem situações desafiadoras que nos levam a aprender e elaborar conhecimentos que potencializem e aprimorem a próxima ação. Nesse sentido, o estágio realizado na Educação Infantil é um momento fundamental para os discentes em formação inicial. Embora para alguns o estágio seja a primeira oportunidade de experimentar a docência e seja desafiador devido à falta de experiência prática, é uma das bases para solidificar e ampliar os saberes sobre a docência. É o ponto de partida para refletir e problematizar o exercício profissional futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente às reflexões, com o objetivo de refletir sobre as contribuições do estágio supervisionado em Educação Infantil para a formação e aprendizagem docente, destacamos a relevância do estágio como componente curricular na formação inicial docente por aproximar os

licenciandos da realidade e problematizar a profissão, contribuindo para a apropriação e constituição de saberes. Assim, embora os licenciandos tenham o desafio de articular os conhecimentos aprendidos ao longo das disciplinas na universidade e pensar a prática pedagógica, é um momento crucial para a formação e aprendizagem docente.

No que diz respeito ao estágio em Educação Infantil, os licenciandos se sentem inseguros devido às particularidades dessa etapa, por promover experiências que tomem como ponto de partida as singularidades das crianças, seus interesses, sua autonomia, com o cuidado de que dialoguem com suas realidades. Para tanto, se faz necessário o exercício da escuta pedagógica, que contribui no planejamento, realização e aprimoramento da prática pedagógica. Nesse sentido, para os licenciandos, é imprescindível para a formação e aprendizagem docente observar e estar atento ao que as crianças expressam no cotidiano escolar. Por fim, destacamos o papel fundamental que os supervisores de estágio possuem na formação e aprendizagem docente, por contribuírem por meio do diálogo e colaboração para a ampliação dos conhecimentos sobre o exercício docente e reflexão sobre a prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP Nº 1**, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 29 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 11 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2009. Disponível em: <https://shre.ink/mgVN>. Acesso em: 23 maio 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 20 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 25 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. 55. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. 143 p.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 3-26, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/xrmzBX7LVJRY5pPjFxxQgnS/?format=pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 128 p.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional**: prazer em conhecer. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001. 144 p.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de pesquisa**, [S. l.], v. 47, n. 116, p. 1106-1133, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrvnbsbYjmvCb d/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2022.

NOGUEIRA, Simone do Nascimento. **Educação infantil**: a escuta pedagógica na formação de professores. São Paulo: Cortez, 2023.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de *et al* (org.). **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012. 419 p.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2020.

ORESTEN, Danielle Fátima Adda; VIERA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. A constituição da carreira do professor de educação infantil. **Revista Teias**, v. 23, n. 71, out./nov. 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/67848>. Acesso em: 11 jan. 2026.

PIMENTEL, Carla Silvia; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A construção da profissionalidade docente em atividade de estágio curricular. In: ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido (orgs.). **Estágios supervisionados na formação docente**: educação básica e educação de jovens e adultos. São Paulo: Cortez, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido. Estágios supervisionados: unidade teoria e prática em cursos de licenciatura. In: CUNHA, Célio da; FRANÇA, Carla Cristie de (orgs.). **Formação docente**: fundamentos e práticas de estágio supervisionado. Brasília: Cátedra UNESCO de juventude, educação e sociedade, 2019.

SILVA, Rosemary Ferreira da; ROSA, Marise Marçalina de Castro Silva. Extensão universitária no currículo das licenciaturas: inovação e relação de sentido. **Olhar de professor**, v. 14, n. 2, p. 371-380, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/684/68422128010.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2023.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Docência como atividade profissional. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; D'ÁVILA, Cristina Maria (orgs.). **Profissão docente**: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas/SP: Papirus, 2008.